



---

## VOCÊ TEM FACE?: PERSPECTIVAS DISCENTES E IMPLICAÇÕES DO (NÃO) USO DO FACEBOOK NO ENSINO SUPERIOR

---

DO YOU HAVE FACEBOOK?:  
STUDENTS' PERSPECTIVES AND CONSEQUENCES OF USING OR NOT  
FACEBOOK ON HIGHER EDUCATION

---

¿TIENES FACEBOOK?:  
PERSPECTIVAS ESTUDIANTES Y CONSECUENCIAS (NO) USO DE  
FACEBOOK EN EDUCACIÓN SUPERIOR

---

*Thiago Bernardo Cavassani<sup>1</sup>*

*Joana de Jesus Andrade<sup>2</sup>*

**RESUMO:** É cada vez mais comum na literatura relatos de experiências nas quais as redes sociais configuram-se como tecnologia educacional capaz de suscitar ambientes colaborativos, simples e eficientes no auxílio ao processo de ensino e aprendizagem. Apesar do impacto trazido pela tecnologia na vida contemporânea, esse fato ainda não é consensual entre os pesquisadores da área e representa um ponto fulcral para futuras transformações educacionais. A temática das novas tecnologias na educação configura-se, portanto, como um campo fértil para novas investigações e, com tal problemática, apresenta-se neste trabalho os resultados de uma pesquisa que analisou a percepção dos alunos de um curso superior de Licenciatura em Química a respeito do uso da rede social Facebook (FB) em suas atividades acadêmicas. Com tal indagação desenvolveu-se uma série de atividades utilizando a função *grupos* da rede social Facebook em uma disciplina do referido curso e realizou-se uma entrevista vídeo-gravada ao final da disciplina. Com abordagem qualitativa e ainda em uma perspectiva de estudo de caso, analisou-se o resultado dessa experiência por meio da análise de conteúdo. Os resultados foram organizados em três categorias e analisados à luz do exposto na literatura acerca do tema. A partir da interpretação dos dados ressalta-se a importância dessa ferramenta como ambiente social e colaborativo, facilitador da comunicação e da interatividade; de todo modo, esta não parece ter ainda impacto direto na melhoria dos processo de ensino e aprendizagem como recurso educacional direto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Facebook. Cibercultura. Ensino Superior.

**ABSTRACT:** It is very common finding quotes on articles saying that social networks, while being educational technologies, are able to evoke collaborative, simple and efficient environments when it turns to teaching and learning processes. However, besides the impact brought by technology on contemporaneous lives, this fact is not yet con-sensuous among researchers in this field and it represents one crucial point for future educational transformations. Consequently, the themes on new educational technologies are a fertile field for further investigations. Trying to solve this problem, this research focus was defined as being: what is a Licensure undergraduate student perception about using Facebook (FB) on their academic activities. During this research,

---

<sup>1</sup> Mestre em Química pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Araraquara, SP - Brasil. Professor do Instituto Federal do Paraná, IFPR, Jacarezinho, PR – Brasil. E-mail: [thiagocavassani@yahoo.com.br](mailto:thiagocavassani@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP – Brasil. Professora do Departamento de Química da Universidade de São Paulo – USP, Ribeirão Preto, SP - Brasil. E-mail: [joanajandrade@gmail.com](mailto:joanajandrade@gmail.com).

**Recebido em:** 20/05/2015. **Aprovado em:** 03/12/2015.

a number of activities was developed using the Group function on Facebook on a subject inside the Chemistry Licensure course and interviews were made and recorded at the end of the semester. In a qualitative approach and yet on a studying a case perspective, the results from this experience were analyzed through content analysis. Therefore, the results were organized on 3 different categories and analyzed according to the found data on using Facebook as an educational tool. After analyzing and understanding the gotten data we are able to emphasize the importance of this tool on a social and collaborative environment, how it makes things easier when it's about communication and interactivity. Nevertheless, this doesn't seem to impact directly on the teaching and learning process improvement as a straight educational resource.

**KEYWORDS:** Facebook. Cyberculture. Higher Education.

**RESUMEN:** Es cada vez más común en la literatura encontrar sobre las redes sociales, que encontrar relatos de tecnologías educacionales que estas sean capaces de generar ambientes colaborativos, simples y eficaces en la ayuda al proceso de enseñanza y aprendizaje. Pero a pesar del impacto traído por la tecnología en la vida contemporánea, este hecho aún no ha llegado a un consenso entre los investigadores del área y representa un punto crucial para futuras transformaciones educativas. La temática de las nuevas tecnologías en la educación por tanto será representada como un campo productivo para nuevas investigaciones y con tal problemática se define el punto central de este estudio de investigación como la percepción de los estudiantes de educación superior formándose para la Docencia al respecto del uso de la red social Facebook (FB) en sus actividades académicas. Con tal búsqueda se desarrolla una serie de actividades utilizando la función de grupos de la red social Facebook en una disciplina de educación superior para formar docentes en Química y se realizó una entrevista grabada al final de la disciplina. En un enfoque de estudio de modo cualitativo y también un estudio de la perspectiva del caso se analizó el contenido del resultado de esta experiencia. Los resultados fueron organizados en 5 categorías diferentes y se analizan a la luz de lo expuesto en la literatura sobre el uso educativo del FB. En conclusión, se trata de una herramienta muy práctica en el desarrollo de experiencias de colaboración entre los estudiantes, para facilitar la comunicación entre ellos y sus profesores, en la mejora de la relación general que permita el proceso de enseñanza y aprendizaje, pero no constituye el lugar ideal para la mediación formal de los contenidos trabajados en clase.

**PALABRAS CLAVE:** Facebook. Cibercultura. Educación Superior.

## 1 VOCÊ TEM FACE?

Desde o advento da Rede Social Facebook na história da humanidade (e o impacto da afirmação não é apenas força de expressão), a pergunta desta introdução já foi dita milhares de vezes. Ela expressa um pedido, uma emergência do mundo contemporâneo em que, para conversar, saber, compartilhar, dizer, comunicar, você precisa ter uma página no *face*! Essa 'ferramenta' foi prontamente apropriada pelas gerações mais recentes e, como toda inovação, impactou também o mundo das relações de ensino na educação básica e superior. É sobre essa relação que o presente trabalho trata: os impactos do Facebook no ambiente escolar em nível superior.

Há na literatura nacional uma tendência bastante favorável à utilização das novas tecnologias da informação e comunicação nas atividades escolares. Considerando as TICs ferramentas passíveis de apropriação de forma a criar, informar e comunicar seus usuários, (MARSON; GALEMBECK; ANDRADE, 2013) acredita-se que esses dispositivos possam ampliar as possibilidades de ensino-aprendizagem e atualizar a estrutura do ambiente escolar, resultando em um melhor preparo dos indivíduos para o mercado de trabalho (PARADA, 2011). Nesse sentido, há atualmente uma gama bastante variada de interfaces digitais com características distintas e funcionalidades diversas que podem ser úteis nas relações de ensino de forma complementar às atividades didáticas no contexto escolar. De todo modo, os benefícios aventados esbarram ainda no aspecto básico da acessibilidade, pois apesar de grande parte das pessoas na contemporaneidade conviver com uma infinidade de

equipamentos e meios multifuncionais, mergulhados em ferramentas e suportes digitais, cerca de 75% da população mundial ainda não tem acesso, por exemplo, à internet. Embora se reconheça que a universalidade de acesso às ferramentas digitais ainda não é um fato concreto na sociedade global (e constitui-se, ao menos de forma aproximada, da mesma lógica da distribuição do capital), é inegável o espectro de ferramentas disponíveis no mercado atual e o aumento expressivo de usuários dessas tecnologias. Além dos dados objetivos, há que se considerar que a internet se configura ainda como assunto conflitante no espaço escolar. Isso porque, embora docentes e alunos concordem com a relevância da utilização das novas tecnologias na prática escolar, estes ainda não detêm consciência completa de suas potencialidades, e muitas vezes não investem na adequação do espaço e do tempo para que os recursos ocupem, de alguma forma, as salas de aula. Enquanto os professores, que se representam como analógicos, insistem em uma relação pouco interativa e tradicional de ensino, os alunos já digitais desafiam o modelo pedagógico instituído, escancarando o conflito de gerações e urgindo para uma reinvenção da escola que seja mais próxima do contexto contemporâneo.

Mediante o fato de que é premissa fundamental o docente dominar o uso dessas tecnologias para que possa orientar e incentivar seus alunos tanto a aproveitar seus potenciais, quanto a protegê-los de suas adversidades, alguns autores (WERTHEIN *apud* SILVA; AZEVEDO, 2005), atribuem às universidades a grande responsabilidade de fornecer aos futuros docentes a formação mínima para que estes efetivamente implementem ferramentas tecnológicas em sala de aula, em uma práxis pedagógica que reflita em ganho qualitativo na relação de ensino e aprendizado com seus alunos. Os sujeitos da escola veem-se hoje diante de novos contextos educativos e novas formas de interação que podem ser exploradas em busca de **novas competências fundamentais**. Com horizontes midiáticos maiores e ainda desconhecidos, as demandas por maior interatividade, ambientes mais colaborativos e, principalmente, com novas formas de construção e utilização do espaço e do tempo, a escola é inquirida a reinventar-se. É, pois, nesse novo contexto de escola mais próximo do aluno do século XXI que as redes sociais, dentro das tecnologias da web 2.0 ganham destaque como objetos de investigação.

## 2 REDE SOCIAL NA EDUCAÇÃO: O CASO DO FACEBOOK

Quando a expressão ‘rede social’ surgiu na década de 2000, ela praticamente reconfigurou um conceito que existia muito antes do advento das novas tecnologias. Com maior velocidade e de forma mais interativa essas redes continuam permitindo “[...] a construção coletiva, a mútua colaboração, a transformação e o compartilhamento de ideias em torno de interesses mútuos dos atores sociais que as compõem.” (MAIA, 2011, p. 5). Nesse sentido, as estratégias interativas e a produção de conteúdos nessas redes sociais ganharam tamanha adesão que podem ser entendidos hoje como uma das formas mais importantes de comunicação e partilha de informação (GABRIEL, 2013).

Historicamente as instituições escolares têm seu papel formador consagrado, preconizando também a comunicação e partilha de informações. E, ao adaptar-se à realidade e à cultura de seu aluno, ela tenta incorporar novas formas de interação social e permanece

abrigando a perspectiva de integração, mediação, compartilhamento e colaboração em suas atividades. As redes sociais oportunizadas pela rede mundial de computadores vêm mudando essas interações no sentido de possibilitar situações que a escola tradicional não concebia; fato que tem causado impacto na escola, já que o domínio desse campo tecnológico acontece muito antes entre as crianças e os jovens do que entre os alunos na escola (TORI, 2012 *apud* UMBELINA, 2012). Modificações que visem a transformar a educação a partir de uma ampla reestruturação das relações entre professores, alunos e currículos a partir do uso apropriado das tecnologias educacionais digitais como as redes sociais e as ferramentas da web para uma melhora significativa do processo educativo devem ser encaradas como uma nova e mais bem adaptada proposta para as instituições de ensino (MAIA, 2011).

Nesse contexto, ainda está em aberto a função e a legitimidade do uso das redes sociais em espaços escolares, embora reconheça-se que os alunos utilizam maciçamente as plataformas sociais como ferramenta de colaboração e aprendizagem, delegando às instituições escolares a criação de mecanismos para compreender, absorver e utilizar racionalmente essas novas formas de mediação didática em suas atividades diárias. Assim, é importante destacar algumas experiências, os ganhos e implicações já relatadas na literatura a partir da apropriação desses espaços virtuais como ferramenta auxiliar na mediação de processos de ensino-aprendizagem, com foco especial na rede social FB por representar a maior plataforma de rede social no Brasil e no mundo em número de usuários.

A literatura cada vez mais destaca o fato de que os *softwares* de redes sociais ganham importância com o amplo uso como suplemento ao ambiente tradicional de aprendizagem (BHAGWAT; KOTHARI, 2013). Acredita-se que essas plataformas são apropriadas para as instituições de ensino melhorarem significativamente a comunicação e a interação entre seus usuários e também com a sociedade, sendo uma ferramenta profícua para ampliação e compartilhamento rápido de informação entre todos os envolvidos no processo educacional (YAPICI; HEVEDANLI, 2014). A relação entre rede social e escola tem sido estudada há alguns anos e ainda em 2008 já havia a comprovação de que mais da metade dos estudantes que possuíam uma conta na rede social Facebook integrava-a como um dos principais mecanismos de comunicação para assuntos relacionados aos cursos frequentados (SALAWAY; CARUSO; NELSON, 2008). Ao possibilitar uma grande variedade de opções de compartilhamento de informações entre os membros participantes, podendo ser incrementada por ferramentas de comunicação pessoal da plataforma, os grupos do Facebook parecem ideais para aplicações educacionais. Nesse sentido, Dennen e Burner (2013) reconhecem a importância e relevância na tentativa de integrar as redes sociais aos ambientes escolares, no entanto, ressaltam a importância de avaliar de forma clara e crítica as implicações de privacidade e ética no uso dessas ferramentas da web 2.0. Utilizando a ferramenta de grupos para a construção de site para a disciplina, por exemplo, é fomentado nos discentes o sentimento de pertencimento ao grupo social, fornecendo um canal para troca informacional e sentimental, e em comparação com outras tecnologias disponíveis *on-line* para a criação de sites de aula, a ferramenta de grupos do Facebook é descrita como a melhor opção (ADALIKWU, 2013). Outra possibilidade é utilizar os grupos do FB para complementar as ferramentas de conexão pessoal e espaços próprios para disposição de

perfis, tornando-os ferramentas importantes no fornecimento de um espaço informal de aprendizado com oportunidades de processos de ensino e aprendizado mais robustos (MAZMAN; USLUEL, 2010).

A identificação de pontos positivos com relação ao uso educacional da plataforma, entretanto, não é unânime. Especificamente sobre a rede social Facebook, pode-se encontrar alguma resistência no uso para fins educacionais, tanto por parte dos professores, quanto por parte dos alunos, ainda que uma significativa parcela destes esteja disposta a inserir conteúdo educativo à rede social (MUÑOZ; TOWNER, 2011). Andrade e colaboradores (2012) afirmam que o uso educacional dessa rede ainda está em linhas iniciais em decorrência da recusa, pouco conhecimento no uso da tecnologia social e até comodismo por parte de alguns profissionais da educação. Esses fatores colaboram, então, para a não visualização dessa ferramenta como ambiente propício para a relação ensino-aprendizado e prejudicam a utilização desse tipo de recurso na qualidade de ferramenta educacional.

No âmbito da utilidade prática do FB, Mattar (2012) salienta algumas desvantagens da plataforma como ferramenta educacional, como a dificuldade em visualização de mensagem, a ausência de filtro, sistemas de *tags* e busca e classificação de informações. É necessário ainda considerar a plataforma FB como uma instituição privada com fins lucrativos e, para tanto, é regido ao mesmo tempo em que consolida as estratégias de funcionamento do novo capital comunicacional. Neste sentido, a plataforma utiliza-se de estratégias mercadológicas personalizadas a partir das configurações pessoais dos usuários para permitir o fornecimento de anúncios de produtos, serviços e novos contatos. Há relatos ainda de censura e tratamento diferenciado entre usuários praticados pelo FB. Na medida em que a plataforma representa uma expressiva força no ambiente de disputas que se encerra na Internet, o FB desempenha um papel dicotômico: por um lado, representa um ambiente de contato sem barreiras, representação de liberdade e de força coletiva; por outro, atua no controle e na diferenciação de usuários na busca do monopólio, agindo ainda segundo suas conveniências políticas e econômicas (PEIXOTO, 2014). Assim, ressalta-se que esses fatos não podem ser, portanto, ignorados nas relações de ensino que pretendam utilizar essa plataforma no meio educacional.

Há ainda autores que acreditam que o Facebook pode representar uma distração em qualquer ambiente de aprendizagem ou mesmo que ainda é ausente uma compreensão sobre como essa plataforma pode ser mais bem aproveitada no âmbito educacional (AYDIN, 2012). É aventado na literatura que as pessoas conectadas à rede de computadores apresentam um rendimento escolar até 20% inferior comparativamente àqueles que estão *off-line*, sendo o FB apontado como o principal responsável pela diminuição do desempenho acadêmico (AQUINO; BRITO, 2012). Outro estudo amplamente citado na literatura e realizado com mais de 200 alunos entre graduandos e pós-graduandos de uma universidade americana avalia a relação entre o uso do Facebook, a dedicação de horas em estudos semanais e o rendimento acadêmico dos alunos (KIRSCHNER; KARPINSKI, 2010). Os resultados demonstraram que os usuários de Facebook têm relação negativa com o desempenho acadêmico e os não usuários dessa rede social apresentam mais horas médias de estudo semanais que os adeptos desta plataforma virtual.

No Ensino Superior, a diferença de percepção entre os usos e possibilidades educacionais do FB entre os alunos e os professores revela um aspecto crítico da adoção da plataforma social em atividades didáticas. Mais da metade dos professores universitários americanos acreditam que o FB é uma mídia social que não deve ser utilizada para fins educacionais, enquanto mais de 70% dos alunos afirmam ser conveniente ou serem indiferentes a essa aplicação da mídia (ROBLYER, 2010). Portanto, tem-se um panorama em que os alunos estão mais dispostos a aplicar a mídia social complementarmente ao ensino presencial que seus professores, convenientemente mais adeptos ao modelo tradicional de ensino.

Já os estudos de Hew (2011) colaboram para o entendimento de que os dados empíricos apresentados como evidência de efetividade da rede social ainda são bastante limitados e embora seja utilizada extensivamente pelos mais variados públicos e haja vantagens proeminentes no uso educacional das plataformas sociais, essa é pouco adotada nesse campo quando comparado aos demais contextos (MAZMAN; USLUEL, 2009). Dessa forma, salienta-se a necessidade de considerar e mais ainda, propor estratégias para contornar as eventuais limitações/implicações decorrentes dessas questões em propostas de atividades que pretendam utilizar a rede social como ferramenta educacional. Portanto, observando-se estudos com fortes argumentos tanto prós quanto contras a utilização da rede social como instrumento educacional, reafirma-se o objetivo da presente pesquisa que investigou como os alunos de um curso de nível superior percebem e utilizam os recursos das novas tecnologias, em especial a rede social Facebook, como possível recurso educacional.

### 3 METODOLOGIA

O presente trabalho foi feito a partir dos preceitos da pesquisa qualitativa que, segundo Bogdan e Biklen (1994), prioriza o ambiente natural como fonte da coleta de dados. Esta abordagem corresponde a uma análise descritiva em que se tende a analisar os dados indutivamente, em uma constante preocupação com o processo percorrido e em que o significado na matriz de dados ganha relevância ímpar. Sendo o grupo investigado uma **turma de alunos de um curso superior de Licenciatura em química** e que esse grupo pode ser representativo de outros grupos semelhantes, considerou-se que esta pesquisa se configura como um estudo de caso do tipo holístico em que o objetivo da investigação foca em questões do “como” um fenômeno acontece (YIN, 2009). Nesta pesquisa investigou-se “como” os alunos de um curso superior percebem e utilizam os recursos das novas tecnologias. Define-se o trabalho, portanto, como um exercício de compreensão acerca de um contexto em sua estrutura e funcionamento social mais amplos e pode contribuir para a compreensão de outras situações que tenham questões investigativas convergentes.

Posteriormente a questionários e acompanhamento das interações na plataforma FB, realizou-se uma entrevista coletiva com os alunos e são trechos dessa entrevista que serão apresentados e discutidos neste trabalho. A entrevista foi analisada com base na “análise de conteúdo” cujos procedimentos envolvem “[...] análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de

produção/recepção destas mensagens. ” (BARDIN, 1977, p. 42). Oliveira (2008) define que a análise de conteúdo permite identificar as informações explícitas ou não em um texto/fala, implicações políticas, moralidade, representações sociais, inconsciente coletivo e o repertório semântico ou sintático. Ainda de acordo com a autora, a análise pode ser feita por diferentes técnicas e, para este trabalho, definiu-se como temática ou categorial, ou seja, foram selecionadas 3 categorias oriundas das perguntas feitas aos alunos. Essas categorias foram criadas com intuito de condensar ou congregar informações dispersas ao longo das respostas.

Para começar a investigação criou-se um grupo na plataforma social FB dentro da disciplina Atividades Científicas Culturais no segundo semestre de 2013<sup>3</sup>. O Grupo criado na rede social FB permitiu que os envolvidos na disciplina identificassem e discutissem a importância dos centros de divulgação científica, tanto os presenciais quanto os virtuais. Como um espaço multifacetado, o **grupo** também serviu para a administração da disciplina como espaço de divulgação de eventos, datas importantes da disciplina, divulgação de frequência e notas, e também oportunidades de bolsas e vagas no mercado de trabalho. Como atividade prevista da disciplina, os discentes foram os responsáveis pela organização da Mostra Científica do Curso de Licenciatura, momento em que os alunos dos mais diversos anos do curso apresentam seus trabalhos inéditos ou já apresentados em outros eventos nacionais e internacionais, trabalhos monográficos, de iniciação científica e outros trabalhos técnicos e de divulgação científica. Neste sentido, o Grupo na plataforma FB foi palco para que os alunos assincronamente discutissem as datas de apresentação, a divisão dos grupos de trabalho, as funções que desempenhariam na preparação do evento, entre outras atividades. Ao final da disciplina, foi realizada uma discussão em grupo, iniciada com perguntas baseadas nos trabalhos de Patrício e Gonçalves (2010). O objetivo desta entrevista foi diagnosticar e avaliar quais eram as percepções desses alunos em relação ao uso da ferramenta Facebook na disciplina proposta.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista realizada com os alunos foi coletiva e as perguntas foram sendo feitas na medida em que as respostas foram apresentadas. Sendo uma entrevista semiestruturada, houve espaço para o direcionamento aos objetivos do trabalho e ao mesmo tempo flexibilidade em atender aos interesses de discussão trazidos pelos alunos. As respostas foram organizadas em três categorias que são apresentadas a seguir.

### ***Categoria 1: O FB pode ser utilizado como ambiente virtual de ensino?***

**1. ALUNO G:** *O aluno acessa! Muito. Passa às vezes download de algum livro de alguma lista [de exercícios das disciplinas] e acaba resolvendo. A pessoa pergunta: Ah, quanto deu o seu?! Ah, deu tanto! Ah! Então acho que está certo! Tira dúvidas então!*

**2. PROFESSORA:** *E para o professor?! Ele é um recurso entre alunos, mais importante do*

<sup>3</sup> A disciplina tem como objetivo “Promover possibilidades para que o aluno participe ativamente de atividades científico-culturais que possam contribuir para a sua formação profissional. Introduzir o aluno nas questões educacionais presentes na sociedade, considerando tanto os aspectos culturais quanto a área específica da química. Disponível em: < <https://goo.gl/FEM56K> >.

*que com o professor?!*

**3. ALUNO G:** *Professor também, porque ele disponibiliza então alguns textos, alguma... às vezes ele mesmo tira alguma dúvida lá.*

**4. ALUNO D:** *Para o professor não muda muito, porque o professor tem o Júpiter (portal oficial da Universidade)... por exemplo a professora de Física usa o STOA (outro portal oficial da Universidade), então qualquer texto, qualquer divulgação que ela queira fazer ela pode fazer no FB ou pode fazer no Júpiter. Todos vão ter o mesmo acesso. Agora entre nós alunos, o FB ajuda mais... no que a gente faz.*

**5. ALUNO G:** *O FB a gente frequenta mais!*

**6. ALUNO D:** *O FB ainda é uma coisa nova! A informação chega muito mais rápido pra gente do que pra eles. Tem professores que ainda se recusam a usar e tem professores que usam muito, né...*

**7. ALUNO A:** *O acesso para os jovens é mais fácil, qualquer celular hoje tá acessando, para acessar um Júpiter já não é fácil, muito professor só usa Júpiter. FB o professor ainda tem aquela ideia de usar como lazer, não como método de... sabe... como método de auxílio ao ensino. É eu acho que...*

**8. PROFESSORA:** *É... aí o celular parece que tem um efeito diferente!*

Em um primeiro momento, as falas indicam que o uso entre os pares em questões acadêmicas parece refletir maior importância que o uso pedagógico ou institucional da rede social. A intermediação direta entre os alunos no compartilhamento de materiais e na discussão acerca das atividades que deverão ser desenvolvidas em sala de aula aparece no plano principal da utilização da rede entre os alunos. Já o uso pelos professores, na intermediação pedagógica dentro das disciplinas que ministram, parece ser ainda pouco explorado. Quando o aluno D indica que para o professor a rede social não é o fator relevante, demonstra uma percepção diferenciada e pouco congruente das funções que essa interface representa para os docentes e discentes. Se para o aluno a rede social é uma extensão da vida presencial, um local no qual as relações são constantemente reavivadas e um ambiente confortável para mediação entre seus pares das questões acadêmicas, para o professor a rede social ainda está no plano do lazer, pouco percebido como recurso didático: **“não usa o FB pra ensino... Ela não explica nada! Não dá dica de nada no FB”!** O choque de gerações é fator latente na opinião do grupo: **“O FB ainda é uma coisa nova! A informação chega muito mais rápido pra gente do que pra eles.”** Ainda sobre o uso do Facebook como ferramenta educacional ou um ambiente virtual de ensino os alunos dizem que o professor:

1. **ALUNO B:** *P-O-D-E-R-I-A utilizar, só que não é o que acontece.*
2. **PROFESSORA:** *Porque ALUNO B?!*
3. **ALUNO B:** *Porque os professores não dão retorno no FB. Eles não usam [para fins educacionais].*
4. **ALUNO F:** *... Só manda mensagem quando é necessário, por exemplo, ‘vem cá’ [no sentido de procurar o professor] ou sei lá, encontrar uma pessoa.*
5. **ALUNO K:** *Eu acho que o FB é um caminho, só que a aprendizagem, igual o nosso curso que é muito exato não é uma coisa 100%. Porque cai naquilo que a ALUNO B falou, se eu tenho uma dúvida, o professor posta lá alguma coisa, e se eu tenho uma dúvida e pergunto lá eu fico no vácuo. Entendeu?! Então eu acho que é melhor, pra mim, nada melhor pra aprender do que estar na sala de aula e ter alguém conversando, ter a possibilidade da discussão...*
6. **ALUNO G:** *Lá no Face você vê o grupo lá e fala Opa! Lembrei eu tenho que dar uma olhada lá se tem alguma coisa lá que foi postado no grupo, eu vou lá no grupo e vejo, ‘tipo’ o site lá, naturalmente eu não ia ver aquele monte de site lá dos museus lá eu não ia ver, eu vi porque tá aquele monte lá, prontinho.*
7. **PROFESSORA:** *E se isso acontecesse, por exemplo, em uma aula de qualquer outra, Físico-química, analítica, inorgânica [...] se ele postasse os vinte sites que vocês bolaram, se o professor fizesse em qualquer outra disciplina, vocês acham que aprenderiam mais ou não?!*
8. **ALUNO G:** *Ajudaria mais.*
9. **ALUNO A:** *Não [com a cabeça]*
10. **ALUNO F:** *Em disciplinas específicas, eu já falei isso, a Sra. Já sabe: na lousa é o que melhor funciona.*
11. **ALUNO F:** *ele não é o único [método], mas é o que dá certo!*
12. **ALUNO L:** *Também acho!*
13. **ALUNO B:** *Mas, por exemplo, se for pra vídeo-aula, o professor, por exemplo, poste uma vídeo aula e sei lá, por que tem um canal... Veduca que eu acho que chama. Tem N vídeo-aulas de todas as matérias de todas as coisas possíveis... É giz e lousa, e você assiste do mesmo jeito.*
14. **ALUNO B:** *eu aprendi a fazer integral no youtube.*
15. **ALUNO I:** *os Canais do Youtube ajudam mais que o FB, se for ver.*
16. **PROFESSORA:** *Os canais do Youtube ajudam mais?!*
17. **ALUNO I:** *O professor que cria as aulas...[ruído]*
18. **PROFESSORA:** *É mais confiável então?*
19. **ALUNO F:** *E a quantidades de aulas que tem... é muito grande.*
20. **ALUNO L:** *Tem vídeo-aulas de professores de exatas da (universidade) que eles dão aula, como o ALUNO F falou, também acho que giz e diálogo e lousa é o melhor método pra se aprender e eles fazem isso. E vídeos são bem interessantes pra complementar o aprendizado porque que nem a ALUNO K disse: eu sou uma pessoa que não conseguiria aprender pelo Khan Academy... se eu tiver o Khan Academy, eu chego aqui e esqueço tudo já, eu acho assim, que o meu aprendizado se efetiva no diálogo entre o professor e a minha discussão, a minha abordagem crítica com o que ele me passa. Entendeu?!*
21. **ALUNO L:** *Mas as vídeos-aulas, elas ajudam bastante mais até que os grupos do FB!*
22. **ALUNO G:** *Imagina, tem a dúvida na hora, você tira né.*
23. **ALUNO F:** *O FB acaba virando uma “feira”! [gesticulando aspas] porque se um faz uma pergunta, aí um responde, outro responde, outro responde, aí outro pergunta que o outro respondeu, isso acontece em fórum... ah sei lá... como eu conserto meu computador...aí um responde, aí um já vai brigar com o outro.*

As falas dos alunos K e F refletem a postura desses alunos em valorizar a manutenção

da aprendizagem a partir do modelo tradicional já bastante arraigado nos espaços escolares. Além disso, a pouca concordância com a integração da rede social aos momentos de aprendizagem formal parece ganhar relevância no discurso apresentado. A possibilidade de dispersão no uso da rede social FB é apresentada pelos alunos como uma desvantagem da utilização dessa interface. Silva e Geller (2014, p. 8) afirmam que há formas de dispersão “nas redes sociais e sempre existiu na escola, no trabalho, na residência, em todos os lugares. Contudo, ela pode ser vista como uma forma de estabelecer links com outros mundos, com outras redes, outros rizomas”. Dessa forma, o aluno F faz uma avaliação crítica relevante da ferramenta FB no ensino e reflete ainda os cuidados que devem ser tomados no uso dessa ferramenta no Ensino Superior, em que propostas claras de objetivos e comportamentos desejáveis dentro do ambiente devem ser previamente estabelecidas.

Quase em uníssono, os alunos veem as vídeo-aulas como bastantes úteis no auxílio da aprendizagem formal. Em se tratando de gravações diretas de aulas, que por sua vez reproduzem as práticas do ensino tradicional de ensino, essa ferramenta reflete apenas a transposição de velhas práticas ao mundo virtual, ou seja, representam a virtualização das práticas corriqueiras de sala de aula. As vídeo-aulas representam uma importante ferramenta de ensino-aprendizagem nas mais diversas áreas do conhecimento, no entanto, é uma ferramenta que observa uma ausência de momentos de interação e reflete ainda uma centralidade no professor, que faz uso do modelo de transmissão de informação em prejuízo a uma prática colaborativa e pró-ativa de seus alunos. Neste sentido, argumenta-se que os alunos recorrem a essas ferramentas não apenas como complemento ao ensino presencial, mas o preferem a manter momentos reflexivos e colaborativos em páginas de rede social. Dessa forma, os poucos momentos de práticas de ensino que provavelmente esses alunos vivenciaram com outras formas de ensinar ainda pesam sobre as experiências colaborativas e cooperativas, mas que pode, aos poucos, remodelar as formas como os alunos pensam o ensino, as formas de aprender e, em pouco tempo, passar a representar as redes sociais como um fator positivo no complemento das atividades presenciais de aprendizagem.

Entre o ‘sim’ e o ‘não’ que apareceram como resposta à categoria aqui discutida, entende-se que a discussão não pode acontecer fora da consideração do que seja e das condições da aprendizagem escolar. Sobre isso um importante estudioso dos processos de aprendizagem, Vigotski (2000), destaca em sua obra a centralidade do **outro** e da **significação** nos processos de ensino e aprendizagem e que a mediação pedagógica (intencional) configura essa relação de modo único. Isso porque, o outro que fala, escuta, lê, responde, é lido, compartilha, possibilita a produção de entendimentos. O autor destaca que o desenvolvimento humano tem sua gênese nas relações sociais por meio da mediação semiótica, ou seja, a interconstitutividade do objeto de conhecimento acontece por meio da intersubjetividade instituída nas relações sociais.

O objeto computador, e mais especificamente a rede social, apesar de todas as possibilidades colaborativas e interativas, continua, ao que relatam os alunos, sendo um objeto. Um objeto especial, sem dúvida, pois, assim como os livros, esse objeto carrega discursos que se significam nas mensagens lidas e compartilhadas. Esses significados são apresentados nas publicações e mensagens da página *on-line*. Mas cabe aqui uma breve

consideração sobre o universo da significação como espaço-tempo que não se instaura só objetos tampouco só nos sujeitos que se comunicam, mas que emerge na e da relação entre eles. Assim, entende-se, com esse referencial teórico, que os sentidos são indicados, pressentidos e partilhados na interação presencial e também na virtual, porém na interação presencial a **imprevisibilidade** tanto quanto a **expectativa** são constantes e de modo diverso da relação virtual. E essas categorias permitem que a interferência do outro reconfigure e redirecione o texto discursivo em processo e, conseqüentemente, as aprendizagens decorrentes. Na interação *on-line* os significados podem ser ‘congelados’ na presença ou ausência da resposta escrita, na ‘pesquisa’ rápida antes da resposta digitada, na cópia, na impossibilidade de mudança do já dito/escrito/videogravado. Na interação presencial parece haver ainda as marcas da história social da cultura humana, forjada há milhares de anos no olhar, na fala, na escrita, no gesto... e na **presença** do outro. A **imprevisibilidade** e a **expectativa** da relação social presencial parecem ser aqui fatores importantes de serem investigados quando temos novas formas de interação social (*on-line*) que apesar de inovadoras, guardam ainda uma resistência que não nos parece ter sua origem na qualidade do objeto tecnológico (e tudo que ele possibilita), mas sim, no ato volitivo, criativo, singular da interação social humana.

Os argumentos aqui apresentados não pretendem ensejar a discussão acerca das posições dicotômicas normalmente aventadas sobre as potenciais vantagens e desvantagens das modalidades de ensino presencial ou com apoio de tecnologias virtuais, mas sim revelar a importância do viés social que permeia o processo educacional em ambas as possibilidades de ensinar e aprender. É na perspectiva da presença do outro, na mediação social em atividades orientadas para a construção do conhecimento em lócus próprio, histórico e culturalmente constituídos que podem ocorrer aprendizagens de forma efetiva.

Com relação aos dados apresentados no episódio, os alunos afirmam a dificuldade em reconhecer a rede social como espaço de aprendizagem e, talvez seja possível inferir que isto se deva à insuficiência de mediação orientada que se estabeleceu nas atividades propostas ou mesmo pela força do hábito em reconhecer o espaço escolar como prioritário para as relações de ensino. De acordo com a literatura estudada, é na perspectiva de uma interação efetiva em processos virtuais, em uma presença virtual que assegure a mediação entre professor e alunos e também entre estes que está a chave para um processo efetivo em atividades dessa natureza. Proporcionar um ‘estar junto virtual’ é condição *sine qua non* para a apropriação de novas formas de aprender, em que os alunos em uso de formas não presenciais de aprendizagem constituam redes de aprendizes e, em conjunto com os educadores, estabeleçam condição para a efetivação do processo de construção do conhecimento (VALENTE, 2010).

***Categoria 2: Principais vantagens e desvantagens do FB em relação a outros ambientes virtuais:***

1. **ALUNO I:** *E o FB eu acho que 16 horas por dia um ser humano fica no FB, então, a divulgação ali é mais rápida.*
2. **ALUNO B:** *é o que eu falei, é mais dinâmico.*
3. **ALUNO L:** *então, mas aqueles que não gostam, que não tem vontade... porque assim, o FB ele é uma forma de exposição, você se expõe assim, pelo menos um pouco você se expõe. Agora gente que não tem vontade de expor de jeito nenhum, o portal da faculdade que é uma coisa pra todos, individual. Você vai lá com seu acesso e pega seu documento, quietinho e vai fazer suas atividades. Então isso é muito bom.*
4. **ALUNO F:** *é que não pode... é que eu acho que existe confusão entre um auxílio que é o FB e o veículo oficial. Acho que o que acontece é que não pode abandonar o portal e só por as coisas no FB, porque a gente tem que pensar nas pessoas que não estão lá.*
5. **ALUNO F:** *Aí você chega lá e não está no portal... aí você descobre que estava no Facebook. Mas como FB!?*
6. **ALUNO A:** *uma vez aconteceu isso aí no começo da disciplina de [nome da disciplina]... não tinha coisa no portal, mas tinha no FB, mas eu não tava no grupo do FB... uma lista de exercício eu acho... eu não acho certo isso aí porque o veículo oficial é o portal.*
7. **ALUNO F:** *tudo bem usar o FB, usa, faz o que quiser, mas prioriza o veículo principal.*

O diálogo evidencia a profícua relação que os alunos mantêm no FB a partir da partilha de informações e interação entre os pares na plataforma. De fato, a ferramenta *grupos* é um diferencial positivo nas aplicações educacionais, evidenciando uma melhora qualitativa no contato entre os colegas, no compartilhamento de informações e conteúdos curriculares, justificando o uso da plataforma social na qualidade de facilitadora da comunicação acadêmica. A análise dos excertos concorda com a literatura (HOSŤ'OVECKÝ, 2013; AYDIN, 2012) ao apontar o FB como importante ferramenta de comunicação entre os alunos. Com base nos dados trazidos neste trabalho e também como já exposto por Lederer (2012), munir os docentes universitários com as potencialidades que a rede social FB pode trazer ao aprimoramento das relações de ensino, em especial às competências comunicacionais, proporcionando o desenvolvimento de ambientes colaborativos e aptos ao trabalho coletivo torna-se uma premissa para o encaminhamento de um ensino mais próximo das exigências dos alunos da cibercultura.

Nesse trecho pode-se destacar também a questão da privacidade no uso das redes sociais. A exposição descrita pelo Aluno L indica a necessidade de avaliar essa questão mais criteriosamente quando se trata da adoção das redes sociais em atividades didáticas. Hew (2011) analisa a questão da privacidade dos alunos no FB e indica que eles ainda se portam de forma heterogênea, quando alguns alunos preferem não se expor e outros não indicam preocupação com esse aspecto. Portanto, a questão da privacidade não pode ser ignorada nas atividades que utilizam a rede social em práticas acadêmicas e configura, assim, uma desvantagem do uso dessa interface para fins educacionais. O autor não especifica os motivos desse comportamento entre os alunos, mas, em nossa investigação os alunos destacam: o “gostar”, a “exposição”, e a diferença entre “auxílio” e “veículo oficial”, como sendo entraves para o uso do Facebook por todos os alunos. Como base para análise desse aspecto

há que se considerar o fator (peso, força) da “Instituição” e tudo que ela representa. Ao longo do tempo as instituições totais e disciplinares (conforme dizem Goffman e Foucault) foram desenvolvendo formas de controle muito eficientes, no sentido de que vigiam, regulamentam, punem e criam formas de ação que podem ser previsíveis e, portanto, manipuláveis. Benelli (2004) sumariza a contribuição de três importantes autores em seu artigo e destaca que:

Goffman (1987) diz o que são, como funcionam e indica o que produzem as instituições totais. Foucault (1984, 1999a, 1999b), por sua vez, nos revela como são possíveis as instituições disciplinares e quais as razões de sua emergência, além de apontar para sua futura obsolescência e desaparecimento. Finalmente, será Deleuze (1992) aquele que nos revela a emergente sociedade de controle como superação da sociedade disciplinar. (BENELLI, 2004, p. 245).

As expressões apresentadas pelos alunos no trecho analisado retratam o conflito entre o público e o privado, entre a instituição e o indivíduo, entre a sujeição e a autonomia. As dicotomias trazidas à tona neste episódio têm raízes profundas nas considerações filosóficas e, principalmente, nos limites éticos que urge por reflexões em todas as áreas do conhecimento humano. Os pressupostos dos três autores citados por Benelli (2004) são cruciais para interpretarmos e propormos ações no campo educacional que abriga todos os conflitos entre o que é público e o que é privado. Como bem anunciou Ferreira (2012), “as sociedades de controle irão requerer novas formas de luta, uma vez que se assentarão em políticas de sujeição que tenderão a agir à distância como as que já se estruturam por intermédio das mídias.”. (p. 84).

Essa constatação configura um alerta aos educadores para o fato de que o FB não é, ainda, um ambiente no qual os alunos entendam como também educacional, ou convencionalmente regular. Como alerta Munhoz e Towner (2011), as redes sociais não substituem o processo de ensino tradicional e devem ser vistas ainda como recursos opcionais que visam melhorar as relações de ensino. Portanto, utilizá-las como mecanismo principal de comunicação parece não estar dentro das expectativas dos alunos e sugere-se, então, a manutenção da reposição de materiais, de recados gerenciais da disciplina e mesmo da intermediação de qualquer natureza por meio dos ambientes institucionais já destinados a esse fim, embora reforce a importância do FB como instrumento de comunicação e partilha, mas que este ainda não deve suplantar os mecanismos, como afirmam os alunos ‘oficiais’ de comunicação. Diante do questionamento sobre os possíveis inconvenientes no uso do Facebook nas aulas, os alunos reafirmaram as principais falhas do uso da rede social:

- ALUNO B: ele [ALUNO A] acabou de falar que não tinha a lista, que ele não tava no grupo...*
1. *ALUNO F: Você acaba compartilhando a responsabilidade, se tá no FB, então eu não preciso olhar porque eu posso chegar aqui e perguntar pra ALUNO B. Então fica meio assim, sabe tá no FB... a tá lá...você perde o seu trabalho de certo modo, porque é mais fácil.*
  2. *ALUNO F: Dispersão*
  3. *PROFESSORA: Vocês gostariam que os professores de vocês usassem mais o FB ou outras formas?*
  4. *ALUNO F: Ainda tem que haver um distanciamento.*
  5. *ALUNO E: Ah tipo... se a professora de [DISCIPLINA] estivesse no nosso grupo... a gente ia tirar zero.*
  6. *ALUNO B: já tinha reprovado todo mundo.*
  7. *ALUNO E: porque querendo ou não você acaba ficando... Ah aquela Chata...!! Ah ela é Louca! Ela não sei o que. Sabe? Imagina se ela vê isso!*
  8. *PROFESSORA: Você não consegue colocar, né?! Causa uma certa restrição de coisas que vocês gostariam de falar.*
  9. *ALUNO B: é um lugar de expressão! A gente cria um grupo fechado pra se expressar!*
  10. *PROFESSORA: Pra poder se expressar, interessante isso!*
  11. *ALUNO F: Com professor que são mais 'da galera' [gesticulando as aspas], tá tudo bem, até estreita e tal. Mas com outros que são mais assim... se entra no FB, hum!*
  12. *ALUNO A: É já pensou se expõe uma coisa, fica desde foto, alguma coisa, eu não me sentiria a vontade.*
  13. *ALUNO L: gente... 80% da população que usa o FB fica narrando a vida no FB. E é muito deslegante.*

Ao que se pode inferir do exposto pelos alunos F e A, corrobora-se o fato de que ainda há uma demanda pela separação dos espaços destinados exclusivamente aos alunos, nos quais os professores parecem não ser bem-vindos. A livre iniciativa, a possibilidade de indicar qualquer assunto, em qualquer perspectiva, a ausência de um ator inibitório refletido na pessoa do professor, indicam alguns dos fatores que justificam a preferência dos alunos em manter espaços distintos dos seus professores. A frase do aluno F: “Ainda tem que haver um distanciamento” reflete sobremaneira essa tendência e é complementado pela posição inibitória que o professor pode causar por sua simples presença nesse espaço primordialmente social. Assim como descreve o aluno B: “é um lugar de expressão! A gente cria um grupo fechado pra se expressar”. Da mesma forma, os resultados desta entrevista parecem concordar com o trabalho de Hewitt e Forte (2006, apud MUÑOZ; TOWNER, 2009) em que mais de um terço dos alunos não apresentaram concordância na presença de seus professores no ambiente da rede social, invocando questões de privacidade e gerenciamento de identidade. É justamente nessas questões que se embasam os argumentos revelados pelos alunos para a tendência demonstrada destes em manter espaços próprios e distintos de seus professores.

Em termos de uso educacional, a sondagem inicial de aceitação dessa estratégia, antes de adentrar ao campo da rede social, pode ser um caminho concreto a ser seguido pelos professores. Além disso, as práticas de uso da rede de forma inicialmente informal, apenas como repositório de documentos e trabalhos e como ferramenta primária de divulgação de

notícias e recados gerenciais da disciplina pode, como afirma Bull e colaboradores (2008), aos poucos tornar-se um ambiente apto à mediação pedagógica e à construção do saber coletivamente. Com experiências bem-sucedidas dessa aplicação, os alunos provavelmente tornar-se-ão paulatinamente mais receptivos a outras formas de aprender e novas formas de integrar as interfaces digitais à sua prática tradicionalmente passiva de aprendizagem.

### ***Categoria 3: O Facebook como ferramenta de ensino e o aumento de interesse pelo conteúdo***

Neste tema, os alunos foram categóricos:

1. **ALUNO B:** *Não!*
2. **ALUNO L:** *Ah isso não também! Se a pessoa não gosta na sala de aula, ela não gosta lá no FB. Porque apesar de ser legal e tudo, tal, tá participando do grupo da disciplina por exemplo, mas tá lá no FB mais pra jogar candy crush, por exemplo.*
3. **ALUNO A:** *Não posta nada, só fica absorvendo dos outros, só.*
4. **ALUNO F:** *Eh...*
5. **PROFESSOR:** *Quer dizer, não ajuda então.*
6. **ALUNO L:** *Ah, acho que não.*

Os diálogos evidenciam que se há qualquer forma de rejeição do conteúdo ministrado pelo docente em sala de aula, a ferramenta virtual utilizada em complemento às atividades presenciais não possui a qualidade de reversão dessa condição. Além disso, os alunos também transpareceram um comportamento menos receptivo e colaborativo ao descrever as atividades desenvolvidas na plataforma quando não há empatia pelo conteúdo trabalho. Portanto, este se revela mais um fator complexificador da questão que deve ser considerado quando se pretende utilizar dessa ferramenta como complemento às atividades desenvolvidas no Ensino Superior.

De todo modo, a utilização do FB como recurso didático é apontado por alguns autores como um fator positivo no aumento do interesse dos alunos pelos conteúdos trabalhados (YAPICI, HEVEDANLI, 2014; PATRÍCIO; GONÇALVES, 2010). De modo contrário os dados revelados no presente trabalho (presentes também no questionário aplicado) os autores mostram que essa ligação não é direta. Os resultados indicam que os alunos mostram interesse na utilização da rede social FB como complemento em suas atividades didáticas, melhorando a relação e comunicação entre os alunos e até mesmo como ambiente virtual de aprendizado, mas não demonstrando, entretanto, que a plataforma signifique um ganho qualitativo no interesse pelos assuntos ministrados em sala de aula. Em outras palavras, o conteúdo trabalhado em sala de aula, sua relevância e a dedicação que cada aluno parece demonstrar são independentes da utilização do FB como recurso didático, revelando que o interesse nos conteúdos curriculares está relacionado com outras esferas motivacionais, mas não necessariamente decorrentes do uso didático da rede social. Assim, os resultados apresentados sugerem indiretamente que a rede social pode representar um ambiente apto para a formação de grupos para melhorar a comunicação; um local propício para a discussão de assuntos correlatos às atividades acadêmicas e também como canal para ancorar portfólio e troca de arquivos e conteúdos. Entretanto, é um espaço pouco disponível, na visão dos alunos, para processos formais de aprendizado, pois esse não é um fator de

engajamento positivo dos conteúdos veiculados.

Dessa forma pode-se aventar que os alunos estejam pouco dispostos a utilizar a rede social no suporte de processos instrucionais formais, mas amplamente dispostos a comunicar-se e utilizar livremente a rede que tem por premissa o contato social. Talvez seja no apoio ao contato social, na amplificação das potencialidades de comunicação, na temporalidade relativizada em complemento aos processos de ensino e aprendizado e em consonância aos mecanismos da cultura digital que essa ferramenta social desponte como um recurso de impacto positivo no grupo analisado. Concordamos com Baran (2010) ao afirmar que nem todos os alunos parecem estar preparados para o uso de ferramentas como o FB no ensino formal, devendo o docente que pretende utilizá-la em atividades didáticas estar ciente da problemática em torno das tensões que podem surgir no âmbito de aprendizado formal e informal em qualquer uso educacional. Isso porque o uso obrigatório da ferramenta não está diretamente relacionado com a adesão dos alunos ao FB, mas sim a motivação intrínseca que se revela como fator primordial na apropriação educacional de tais tecnologias. Baran (2010) afirma ainda que os alunos podem, na verdade, estar mais interessadas na perspectiva social da ferramenta quando comparado às potencialidades educacionais dessa, e “por causa da base informal do Facebook, os estudantes podem não necessariamente percebê-lo como um elemento formalmente planejado para o [processo] de ensino e aprendizagem”. (p. 148). Concordamos, ainda, com Selwyn (2009) ao afirmar que a relevância do FB em atividades acadêmicas parece estar ligada muito mais à sua capacidade de desenvolvimento do indivíduo que a qualquer forma de ganho no campo didático-curricular. O FB ganha importância na manutenção social dos universitários, mas estes ainda hesitam quanto ao uso educacional formal destes espaços genuinamente sociais (MADGE et al., 2009).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As grandes mudanças que a sociedade contemporânea tem vivenciado nas últimas décadas em decorrência da ampliação ao acesso às tecnologias digitais, em especial às interfaces da internet, alteram os mais distintos aspectos do convívio humano, como as relações individuais e institucionais, as formas de política e democracia e, porque não, as relações de ensino e a própria educação. Nessa perspectiva, os resultados oriundos do presente trabalho sugerem certa discrepância à maioria dos dados já apontados na literatura, nos quais a maior parte dos alunos utiliza e aprova o uso educacional da plataforma social Facebook. A questão que surge então é saber como os professores estrangeiros (e os brasileiros) têm utilizado essa plataforma. É necessário que as instituições escolares utilizem ferramentas de comunicação não lineares e fragmentadas para alcançar, além da dimensão física/ biológica dos alunos, também a dimensão digital, em que os alunos oriundos da cibercultura passam boa parte do tempo (GABRIEL, 2013). Nesse sentido, as experiências de uso do FB nas relações de ensino poderão “paulatinamente criar nos usuários a consciência de uma ferramenta apta ao ensino; galgando espaço para que esta torne-se um genuíno espaço colaborativo na mediação do ensino formal nas instituições de ensino superior” (CAVASSANI; ANDRADE, 2015, p. 12).

Entretanto, para que as experiências de inserção desta rede social no ambiente escolar configurem uma atividade em que se verifique um efetivo salto qualitativo no processo de ensino e aprendizado, reforça-se a necessidade de preceder um minucioso trabalho de investigação sobre a conveniência ou não da ancoragem de processos formais de aprendizado com bases nos recursos de novas tecnologias, em especial nas redes sociais, nos cursos de nível superior. Isso porque questões levantadas nesta investigação como resultado das análises dos episódios apontaram: a necessidade de compreensão dos meandros que configuram a mediação pedagógica e o que é efetivamente ‘aprendizagem’; a identificação, regulamentação e o respeito aos limites éticos da convivência em espaços virtuais de aprendizagem; a compreensão crítica sobre as diferenças entre espaço público e espaço privado, considerando os impactos sociais/subjetivos/ontológicos da institucionalização da vida privada por meios de recursos aparentemente comuns e; até, indiretamente: a necessária discussão sobre as matrizes curriculares dos cursos e os sistemas de avaliação educacional considerando novas perspectivas epistemológicas.

Finalmente, há que se destacar que o intuito deste texto foi discutir os dados obtidos, à luz de referências da área, buscando identificar pontos de (não) concordância, (não) convergência e, principalmente, os fundamentos das percepções e ações dos alunos com relação ao uso de uma rede social como recurso educacional. Portanto, as divergências ressaltadas mostram justamente a heterogeneidade dos dados e resultados obtidos tanto neste trabalho quanto na literatura estudada. Tal fato mostra a necessidade de continuidade de estudos sobre a relação entre tecnologia e educação, não como forma de busca de homogeneidade como verdade, mas pela necessidade de investigações que propiciem esclarecimentos e tragam contribuições efetivas para o campo educacional em diálogo com as sempre emergentes e novas formas de interação humana.

## REFERÊNCIAS

ADALIKWU, Chris. An exploratory study of Facebook integration into classroom management. **Croatian Journal of Education**, Zagreb, v. 15, n. 4, p. 1057-1068. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/eMJ1FC>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

ANDRADE, Polyana Bittencourt; AZEVEDO, Denio Santos; DÉDA, Talita de Azevedo Práticas de ensinagem e redes sociais na internet: um estudo de caso do facebook como ambiente de aprendizagem. In: SIMPÓSIO EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO, 3., Aracajú, 2012. **Anais eletrônicos...** Aracajú: UNIT, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/NFUeMI>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 2179-4901.

AQUINO, Alex; BRITO, Alisson. Estudo da viabilidade do uso do Facebook para educação. In: WORKSHOP SOBRE EDUCAÇÃO EM INFORMÁTICA, 20., Curitiba, 2012. **Anais eletrônicos...** Curitiba: Sociedade Brasileira de Computação, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/ZTnIx4>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

AYDIN, Selami. A review of research on Facebook as an educational environment. **Educational Technology Research and Development**, v. 60, n. 6, p. 1093-1106. dez. 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/BtIdAq>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 1556-6501.

BARAN, Bahar. Facebook as a formal instructional environment. **British Journal of Educational Technology**, Oxford, v. 41, n. 6, p. 146-149. nov. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/wyoDsS>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 1467-8535.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p.

BENELLI, Sílvio José. A instituição total como agência de produção de subjetividade na sociedade disciplinar. **Estudos de Psicologia**, Campinas, SP, v. 21, n. 3, p. 237-252. set./dez. 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/1WRfTC>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 1982-0275.

BHAGWAT, Minaxi; KOTHARI, R. G. Encouraging social media with school education. **EduInspire: An International E-Journal**, Vadodara, v. 1, n. 1, p. 12-18. dez. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/m1Ilij>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 2349-7076.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994. 336 p.

BULL, Glen; THOMPSON, Ann; SEARSON, Mike; GAROFALO, Joe; PARK, John; YOUNG, Carl; LEE, John. Connecting informal and formal learning: experiences in the age of participatory media. **Contemporary Issues in Technology and Teacher Education**, Waynesville, v. 8, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/w7OrQU>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 1528-5804.

CAVASSANI, Thiago Bernardo, ANDRADE, Joana de Jesus. Dos círculos de cultura aos grupos virtuais efeitos das redes sociais no ensino superior. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO, 6., Aracajú, 2015. **Anais eletrônicos...** Aracajú: UNIT, 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/tlfl8>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISBN 978-972-8914-55-4.

DENNEN, Vanessa; BURNER, Kerry. Friending and footprints: privacy and ethical issues of facebook use in higher education. In: BASTIAENS, Theo; MARKS, Gary. World Conference on E-Learning in Corporate, Government, Healthcare, and Higher Education, Las Vegas. 2013. **Anais eletrônicos...** Chesapeake, VA: AACE, 2013, p. 642-648.

FERREIRA, Marcelo Santana. Polissemia do conceito de instituição: diálogos entre Goffman e Foucault. **Ecos - Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n. 1, p. 74-86, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/nEcBII>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 2237-941X.

GABRIEL, Martha. **Educ@r: a revolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013, 241p.

HEW, Khe Foon. Students' and teachers' use of Facebook. **Computers in human behavior**, v. 27, n. 2, p. 662-676. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/YX3iT1>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 0747-5632.

HOST'OVECKÝ, Mirian. Using of social network in education by technical and science students in Slovakia. In: EMERGING E-LEARNING TECHNOLOGIES AND APPLICATIONS, 11., 2013, **Anais eletrônicos...** Stary Smokovec: Institute of Electrical and Electronics Engineers, 2013. p. 127-131.

KIRSCHNER, Paul A.; KARPINSKI, Aryn C. Facebook and academic performance. **Computers in human behavior**, v. 26, n. 6, p. 1237-1245. nov. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/JslcAX>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN: 0747-5632.

LEDERER, Karen. Pros and cons of social media in the classroom. **Campus Technology**, v.25, n. 5, p. 1-2. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/YqUmfA>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

MADGE, Clare; MEEK, Julia; WELLENS, Jane; HOOLEY, Tristram. Facebook, social integration and informal learning at University: it is more for socialising and talking to friends about work than for actually doing work. **Learning, Media and Technology**, London, v. 34, n. 2, p. 141-155. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/V0VW37>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 1743-9892.

MAIA, Marta de Campos. Educação aberta e as redes sociais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 17., Manaus, 2011. **Anais eletrônicos...** Manaus: Associação Brasileira de Educação a Distância, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/v1Ng0O>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 2175-4098.

MARSON, Guilherme Andrade; GALEMBECK, Eduardo; ANDRADE, Jailson Bittencourt. Química Nova Interativa - QNInt - o portal do conhecimento da SBQ: conectando ciência e educação. **Química Nova**, São Paulo, SP, v. 36, n. 3, p. 484-488. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/DxJyBR>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 0100-4042.

MATTAR, João. **Facebook em educação**, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/fHvo2r>>. Acesso em: 08 mai. 2015.

MAZMAN, Sacide Güzin; USLUEL, Yasemin Koçak. The usage of social networks in educational context. **World Academy of Science, Engineering and Technology**, v. 49, n. 1, p. 338-342. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/zaRaIq>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

MAZMAN, Sacide Güzin; USLUEL, Yasemin Koçak. Modeling educational usage of Facebook. **Computers & Education**, v. 55, n. 2, p. 444-453. set./2010. Disponível em: <<http://goo.gl/WPB0Tv>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 0360-1315.

MUÑOZ, Carolina Lego; TOWNER, Terri. Back to the “wall”: How to use Facebook in the college classroom. **First Monday**, v. 16, n. 12, dez./2011. Disponível em: <<http://goo.gl/I7VGa5>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 1396-0466.

MUÑOZ, Carolina Lego; TOWNER, Terri. Opening facebook: How to use facebook in the college classroom. In: SOCIETY FOR INFORMATION TECHNOLOGY & TEACHER EDUCATION INTERNATIONAL CONFERENCE, Charleston. 2009. **Anais eletrônicos...** Chesapeake, VA: AACE, 2009, p. 2623–2627. Disponível em: <<http://goo.gl/DITBwn>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

OLIVEIRA, Denise Cristina de. Análise de Conteúdo Temático-Categorial: uma proposta de sistematização. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, RJ, v. 16, n. 4, p. 569-576. out./dez. 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/8cQuXW>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 0104-3552.

PARADA, Eloa Azenna. **Tics na escola: balanço de teses e dissertações brasileiras** produzidas no período de 1990 a 2010. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/Ludtr1>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

PATRÍCIO, Maria Raquel; GONÇALVES, Vitor. Facebook: rede social educativa? In: ENCONTRO INTERNACIONAL TIC e EDUCAÇÃO, 1., Lisboa. 2010. **Anais eletrônicos...** Lisboa, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa 2010, p. 593-598. Disponível em: <<https://goo.gl/eeNRKm>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

PEIXOTO, Zeca. O facebook para além da rede social: o usuário como consumidor-mercadoria. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmea (Org.). **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar.** Campina Grande: EDUEPB, p. 221-236, 2014.

ROBLYER, Margaret; McDANIEL, Michelle; WEBB, Marsena; HERMAN, James; WITTY, James, Vince. Findings on Facebook in higher education: A comparison of college faculty and student uses and perceptions of social networking sites. **The Internet and Higher Education**, v. 13, n. 3, p. 134-140, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/DuuJ5e>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 1096-7516.

SALAWAY, Gail; CARUSO, Judith Borreson; NELSON, Mark. The ECAR study of undergraduate students and information technology. **EDUCAUSE Center for Applied Research**, v. 8, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/g7ZCnK>>. Acesso em: 11 out. 2015.

SELWYN, Neil. Faceworking: exploring students' education-related use of Facebook. **Learning, Media and Technology**, London, v. 2, n. 34, p. 157-174. 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/KdWska>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 1743-9892.

SILVA, Christina Marília Teixeira da; AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de. O significado das tecnologias de informação para educadores. **Ensaio - Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 13, n. 46, p.193-204. 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/owPKUu>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 1809-4465.

SILVA, Márcio Roberto Machado; GELLER, Marlise. Cenário do uso educacional de redes sociais na região metropolitana de Porto Alegre/RS. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, RS, v. 12, n. 1, p. 1-10. 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/cAg3fy>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 1679-1916.

UMBELINA, Vanessa. Redes sociais: aliadas ou vilã da educação? **Hipertextus Revista Digital**, Recife, PE, v. 2, n. 9, p. 1-13. 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/HviJzO>>. Acesso em: 20 mai. 2015. ISSN 1981-6081.

VALENTE, José Armando. O papel da interação e as diferentes abordagens pedagógicas de Educação a Distância. In: MILL, Daniel; PIMENTEL, Nara Maria (Org.). **Educação a Distância: desafios contemporâneos.** São Carlos: EdUFSCar, 2013, p. 25-41.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

YAPICI, Ibrahim Ümit; HEVEDANLI, Murat. Educational use of social networks: facebook case study. **European Journal of Research on Education**, Special Issue: Educational Technology and Lifelong Learning, Trnava, v.1, n.1, p. 16-21. 2014. ISSN 1474-9041.

YIN, Robert K. **Case study research: design and methods**. 4.ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2014. 219 p.

***Como citar este documento:***

---

CAVASANI, Thiago Bernardo; ANDRADE, Joana de Jesus de. Você tem face?: perspectivas discentes e implicações do (não) uso do facebook no ensino superior. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 1, p. 227-247, abr. 2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8635352>>. Acesso em: 05 abr. 2016. doi: <<http://dx.doi.org/10.20396/etd.v18i1.8635352>>.

---